

# O QUIXOTE DE CERVEISNER

## CERVEISNER'S QUIXOTE

**Leonardo Pogleia Vidal<sup>1</sup>**

Graduado em Jornalismo e em Letras-Inglês – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei  
São Leopoldo-RS, Brasil  
[leo.p.vidal@gmail.com](mailto:leo.p.vidal@gmail.com).

---

### RESUMO

O presente artigo visa estabelecer as relações narrativas entre as linguagens escrita e iconográfica entre o capítulo VIII do romance **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha, de Miguel**, de Cervantes Saavedra, e sua adaptação para *Graphic Novel*, **O Último Cavaleiro Andante**, de Will Eisner. Tal comparação será orientada pela visão de narrativa apresentada por Soares (2007), entre outros autores. A leitura da linguagem iconográfica, por sua vez, seguirá preceitos de Cagnin (1975), Mccloud (2008 e 1995) e Eisner (2005 e 1999). O trabalho analisará as relações entre as duas narrativas comparando seus elementos (tempo, espaço, personagens, ponto de vista e enredo) e estabelecendo suas diferenças e semelhanças.

**Palavras-chave:** Dom Quixote. Graphic Novel. Literatura. Narrativa. Quadrinhos. Romance. Will Eisner.

### ABSTRACT

This present article aims to stablish the narrative relations between chapter VIII of the novel The Ingenuous Hidalgo Don Quixote of La Mancha, by Miguel de Cervantes Saavedra, and its adaptation to Graphic Novel form, The Last Knight, by Will Eisner. Such comparison will be oriented by the views on narratives presented by SOARES (2007), among others. The reading of the iconographic language, in turn, will be

---

<sup>1</sup> Leonardo Pogleia Vidal é professor de inglês na Escola Estadual Haydée Mello Rostirolla em São Leopoldo, RS.

oriented by precepts by Cagnin (1975), Mccloud (2008 and 1995) and Eisner (2005 and 1999). This study will analyze the relationship between the narratives by comparing their elements (time, space, characters, viewpoint and plot) and establishing differences and similarities.

**Key-words:** Cervantes. Comics. Don Quixote. Graphic Novel. Literature. Narrative. Novel. Will Eisner.

A única comparação que ocorre no momento (e pode não ser uma das mais brilhantes) é a desta pesquisa com a famosa história do pescador, na qual, a cada vez que é recontada, acaba figurando um peixe maior. Pois com o trabalho em questão, *O Quixote de Cervantes – Estudo Comparativo entre o Capítulo VIII do Quixote de Cervantes e sua Adaptação para os Quadrinhos, por Will Eisner*, ocorreu algo semelhante. Começou com a constatação de que, na parca bibliografia a estudar os Quadrinhos, nada havia (ao menos até onde foi a pesquisa realizada) que estabelecesse efetivamente uma comparação entre um romance literário e o que se convencionou chamar de romance gráfico, gênero majoritariamente conhecido pelo nome em inglês – *graphic novel*.

De que maneira a mudança de meio seria refletida na leitura dos trabalhos? Como linguagens diferentes lidariam com situações semelhantes?

Como adaptações literárias para quadrinhos são um dos gêneros que mais grassam no mercado editorial na atualidade (devido à facilidade de leitura dos quadrinhos, que ajuda jovens a digerir indigestas obras para o vestibular, ou para o ensino regular), tal lacuna não é apenas curiosa, mas preocupante. Havendo, portanto, rico material à disposição para análise, bastava escolher o que melhor coubesse à realização da pesquisa. E ao gosto dos pesquisadores.

E eis que justamente aquele que é considerado o primeiro romance moderno – *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes – havia sido adaptado para quadrinhos por um dos maiores autores de *graphic novels* de todos os tempos, um dos autores que ajudaram a cunhar o termo *graphic novel* – Will Eisner,

com *O Último Cavaleiro Andante*. Sendo ambos os autores conhecidos e inovadores em seus campos, a possibilidade de cravar os dentes em ambas as obras era tentadora demais para ser evitada: *Mak Tub* – estava escrito.

E aí foi que o caldo começou a engrossar: analisar Quixote na íntegra, em qualquer um dos meios, seria uma tarefa a realizar durante uma carreira inteira no estudo das Letras, não tema de um Trabalho de Conclusão de Curso. Não sendo a intenção da pesquisa a realização de uma análise superficial dos textos, cumpria delimitar o objeto de estudo a algumas páginas, apenas. A escolha óbvia seriam as páginas da aventura dos Moinhos de Vento, por ser esta uma das mais notórias do romance. A isso correspondiam oito páginas do romance e apenas treze quadrinhos da adaptação de Eisner. Um tamanho manejável em uma pesquisa que é de uso de pequena extensão, como um TCC. Fácil, certo? Apesar disso, o peixe estava visivelmente maior.

A análise a ser realizada seguiria a visão de narrativa apresentada por Angélica Soares, em seu livro *Gêneros Literários*, em que a autora propõe:

ora perfeitamente delineados e identificáveis, ora desestruturados. e camuflados, o *enredo*, as *personagens*, o *espaço*, o *tempo*, o *ponto de vista* da narrativa constituem os elementos estruturadores do romance”.  
(SOARES, 2007, p. 43 – **grifos meus**.)

Verdade, Soares trata especificamente de romances na citação, porém tal visão é extraordinariamente semelhante à apresentada por Cândida Villares Gancho, em seu livro *Como Analisar Narrativas* (2004), em que a autora sustenta:

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os  *fatos* não há história, e quem vive os fatos são as  *personagens*, num determinado  *tempo* e  *lugar*. Mas, para ser prosa de ficção, é necessária a presença do  *narrador*, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa (GANCHO, 2004, p.11 – **grifos meus**).

Assim, comparadas as duas autoras e por intermédio da utilização dos elementos constitutivos das narrativas conforme sua visão – com a nomenclatura utilizada por Soares (tempo, espaço, ponto de vista, personagens e enredo) –, poder-se-ia estabelecer uma comparação entre ambos os textos – e aqui, como no trabalho, a palavra ‘texto’ aparece em seu sentido  *lato*, conforme usada por Romualdo, que abrange

“toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano” (ROMUALDO, 2000, p.16 apud FÁVERO; KOCH, 1998, p. 25), servindo, pois, a ambas as leituras.

A considerável bibliografia em relação ao romance Dom Quixote apresentou um desafio razoável, em que o problema maior era saber quando parar de pesquisar e/ou escrever e dar por encerrado o assunto, aparentemente inesgotável. Uma pesquisa em que se dispõe de fontes abundantes e de qualidade é, além de obviamente proveitosa, uma atividade lúdica. Por fim, desde biografias de Cervantes até relatos de viagens foram utilizados na pesquisa, que pôde verificar até mesmo o tempo e a distância trilhados por Quixote e Sancho desde o início do capítulo (cerca de 22 km em um dia e meio). Restava analisar a adaptação de Eisner.

E, como não podia deixar de ser, um problema se apresentou: se você tem seis laranjas e tira quatro maçãs, com quantas bananas você fica? A falácia matemática foi aqui incluída com propósito jocoso, mas não deixa de ter lá seu sentido: na matemática, quando se lidam com frações diferentes, por exemplo, devem-se reduzir os números a um denominador comum. Era necessário, portanto, analisar os quadrinhos individualmente – e assim reduzir a ação iconográfica a texto – para que se pudesse estabelecer uma comparação efetiva.

A análise dos treze quadros foi realizada com base em conceitos oferecidos principalmente por Antônio Luiz Cagnin, no livro *Os Quadrinhos*, de 1975; por Scott McCloud, na trilogia *Desvendando os Quadrinhos* (1993), *Desenhando Quadrinhos* (1993) e *Reinventando os Quadrinhos* (2000) – todos os três quadrinizações das ideias e conceitos sobre quadrinhos reunidos ou desenvolvidos pelo autor, que aparece como um personagem em suas obras – e pelo próprio Will Eisner, em seu famosíssimo *Quadrinhos e Linguagem Sequencial* (1989) e em *Narrativas Gráficas* (1996). As visões desses autores foram usadas complementarmente, uma vez que Cagnin tem um olhar teórico, enquanto Eisner e McCloud reuniram seus conceitos a partir da prática como criadores de quadrinhos. E, assim, mais alguns centímetros foram adicionados ao peixe.

Não foram os únicos: devidamente interpretado o conteúdo dos quadrinhos, era necessário que se buscasse decompô-lo em suas partes constitutivas para, enfim, comparar as narrativas. Assim, ambos os textos divididos em tempo, espaço, ponto de

vista, personagens e enredo, poder-se-ia buscar na comparação semelhanças, diferenças e estratégias narrativas de ambas as linguagens.

O caso é: de acordo com Soares, o enredo seria “o resultado da ação das personagens” (SOARES, 2007, p. 43), algo cuja existência é determinada pelo discurso narrativo e pela organização dos acontecimentos. Basicamente, pode-se dizer que a ação diegética é apresentada de determinada forma, e essa forma e essa ação constituem o enredo. Porém, apesar de serem estes os elementos constituintes das narrativas, ainda restava um, cuja função seria a de união de todos os anteriores, e que não poderia ser analisado separadamente: o *tema* seria o fio condutor da narrativa. “O que dá unidade aos elementos da trama” (SOARES, 2007, p. 44). Assim, para melhor compreensão do tema de ambas as obras, portanto, seria necessária uma análise da ação das obras por completo, uma vez que, havendo um fio condutor, analisar o fio sem considerar o lugar a que conduz seria comicamente obtuso. Para dizer o mínimo.

Assim, cresce uma vez mais o peixe metafórico – que já está deixando a classificação para trás, assumindo proporções cetáceas: uma baleia branca, para jogar com símbolos, capaz de desafiar qualquer Ahab que se disponha a decifrá-la. Para a análise do tema, era preciso olhar para as narrativas como um todo, não apenas decompô-las em suas partes constituintes.

O resultado desta análise, contendo a análise dos elementos em ambas as narrativas, está disposto na seguinte tabela:

	<b>Dom Quixote de La Mancha – cap. VIII Miguel de Cervantes</b>	<b>The Last Knight – Will Eisner</b>
<b>Tempo</b>	<i>Diegético:</i> Espanha de pouco antes de 1605. <i>Da narrativa:</i> tempo cronológico, exceto pela ação da cena do ataque de Sancho ao frade caído, paralela à conversa de Quixote com a biscainha. <i>Da ação:</i> cerca de um dia e meio	<i>Diegético:</i> Espanha, há muito tempo atrás, quando Sancho era moço. <i>Da narrativa:</i> tempo cronológico, exceto pelo ataque de Quixote ao moinho. <i>Da ação:</i> indeterminado, podendo ser de 20 minutos.
<b>Espaço</b>	Espanha da época, província da Mancha, entre os campos de Criptana, em Montiel, e a estrada para Porto Lápice.	Espanha da época, província da Mancha.
<b>Ponto de Vista</b>	Miguel de Cervantes como narrador intradiegético, narrador e pesquisador da ação.	Sancho Pança como narrador intradiegético, narrador e ator da ação.
<b>Personagens</b>	Miguel de Cervantes, Dom Quixote, Sancho Pança, a biscainha, o biscainho, a comitiva da biscainha, os frades, os moços dos frades, Ruço e Rocinante.	Dom Quixote, Sancho Pança, a condessa, o cocheiro, Ruço e Rocinante.
<b>Enredo (Intriga/Trama)</b>	<i>Ação:</i> Dom Quixote de La Mancha, fidalgo com mania de cavaleiro andante, confunde moinhos com gigantes e os ataca. Auxiliado por seu escudeiro, passam a noite em um	<i>Ação:</i> Dom Quixote de La Mancha, fidalgo com mania de cavaleiro andante, confunde um moinho com um dragão e ataca. O escudeiro,

	<p>bosque, depois seguem viagem. Encontram frades em mulas, seguidos de uma carruagem com comitiva. Pensando serem feiticeiros levando uma donzela prisioneira, o cavaleiro ataca os frades, derrubando um deles. Sancho Pança tenta levar os pertences do frade caído e é surrado por moços das mulas. Enquanto isso, Quixote insta a ocupante da carruagem, uma dama biscainha, a prestar homenagens à Dulcinéia, tendo sido salva por ele. Um dos integrantes da comitiva, aborrecido, ataca o cavaleiro.</p> <p><i>Narrativa:</i> construída a partir de um jogo de opostos e de espelhos – o protagonista está em constante oposição em reação à realidade que insiste em manifestar-se, em especial por meio da pessoa de seu escudeiro – e dos diálogos, a narrativa cervantina salienta a oposição entre os mundos interior e exterior do Quixote, criando o humor através dos óbvios exageros do cavaleiro e seu contraste com o escudeiro.</p> <p><i>Tema:</i> Dom Quixote de La Mancha, enlouquecido pela leitura de novelas de cavalaria, sai em busca de aventuras, tornando-se um símbolo da Idade Média e dos ideais professados pela Cavalaria Andante. O romance apresenta seu conflito com o mundo que o cerca, que, moderno, já não comporta tais ideais ou sistema. Junto a si tem Sancho, seu eterno contraponto e companheiro, mundano e ganancioso como a época que personifica.</p>	<p>horrorizado, vê o cavaleiro se estabacar. Auxilia-o, e seguem caminho, encontrando um coche, que pára na estrada. Dom Quixote se põe a serviço da ocupante, o que leva o cocheiro a atacá-lo.</p> <p><i>Narrativa:</i> construída a partir da oposição entre o protagonista e o mundo que o cerca, em especial através do uso do exagero e da caricatura nas expressões dos personagens, a narrativa de Eisner cria um personagem exagerado em suas ideias e ações, tendo de ser amparado por seu fiel escudeiro, que admira seus ideais e o segue, conscientemente, por causa deles.</p> <p><i>Tema:</i> Dom Quixote de La Mancha, enlouquecido pela leitura de novelas de cavalaria, sai em busca de aventuras, tornando-se um símbolo da Idade Média e dos ideais professados pela Cavalaria Andante. A narrativa apresenta suas desventuras, em que imagina monstros e dragões e, através de seu sacrifício, obtém uma vitória simbólica e transcendental, imortalizando os ideais que defende. Junto a si tem Sancho, seu eterno companheiro e admirador.</p>
--	---	---

Baleeiro que é baleeiro mata o cetáceo e mostra o arpão: dispostos os elementos das narrativas, uma comparação das estratégias e características de ambas poderia ser realizada com relativa facilidade (considerando os percalços até este ponto).

E o que se notou foram diferenças significativas entre as narrativas, que tornariam a adaptação (ou introdução à obra) mais uma versão diferente do que uma versão em outra linguagem: o Quixote de Eisner não mais pode ser visto como o protagonista de uma derrota, pois seus ideais e aspirações são transcendentalmente justificados (o próprio Cervantes aparece para fazer com que o cavaleiro seja imortalizado por seus leitores) e, assim, o que era ridículo em Cervantes (Quixote com sua extravagante indumentária, professando os ideais de um sistema feudal anacrônico, em eterno confronto com o mundo da – sua – atualidade) em Eisner se torna o símbolo dos ideais da Cavalaria Andante. Ou seja: nobre.

Na versão de Eisner, o narrador é o Sancho Pança, não mais um estudioso anônimo que se poderia supor ser Miguel de Cervantes, trabalhando a partir da obra de historiadores, apenas um deles nomeados (Cid Hamete Benengeli). Também há uma diminuição significativa do

número de personagens nos quadrinhos. O tempo e o espaço, que poderiam ser determinados com razoável acurácia em Cervantes se tornam vagos em Eisner, e a ação, por sua vez, também tem “editadas” certas partes – os frades, por exemplo, não aparecem. Os gigantes são substituídos por um Dragão em Eisner, e, talvez uma das mudanças mais significativas, Sancho Pança é, ao fim e ao cabo, um fiel companheiro e admirador do Quixote, contaminado por sua visão da cavalaria andante, e não um glutão ganancioso e ingênuo (em oposição a ‘discreto’, conforme utilizado no romance de Cervantes), porém terno e engraçado, personificação dos ideais da burguesia ascendente e eterno contraponto do cavaleiro.

Finalmente, a obra iconográfica, não dispondo das características da língua escrita, buscou encontrar outras maneiras para construir a narrativa: onde Cervantes exagerava as declarações do cavaleiro, colocando-o ansioso para lutar contra os gigantes, encontrando nomes de nigromantes que podiam estar nublando a percepção de Sancho Pança, sendo, enfim, quixotesco, Eisner trabalhou com o exagero das feições e a expressividade da linguagem corporal para buscar atingir o mesmo efeito: o de ressaltar a estranheza da figura do Quixote; onde um usa retórica, o outro usa cartunização e caricaturização.

## REFERÊNCIAS

- CAGNIN, Antônio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. 3ª ed. São Paulo: Devir, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MCCLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.